

# JUVENTUDE, WAITHOOD E PROTESTOS SOCIAIS EM ÁFRICA

Alcinda Honwana

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema principal as experiências de muitos jovens africanos que se debatem com os problemas de desemprego, dificuldade de encontrar meios de subsistência sustentáveis, marginalização e ausência de liberdades civis. A instabilidade política, a má governação e políticas sociais e económicas desajustadas têm agravado os problemas existentes em muitas sociedades africanas e têm também reduzido consideravelmente a capacidade de os jovens se tornarem cidadãos “responsáveis” e independentes. Muitos jovens são hoje incapazes de atingir os pré-requisitos da idade adulta. No plano global, a onda de movimentos sociais de protesto protagonizados por jovens nos últimos anos enquadra-se no contexto da luta desta geração pela sua emancipação económica, social e política.

O artigo desenvolve três argumentos fundamentais: Primeiro, grande parte dos jovens africanos vive uma fase que chamo *waithood*, (*wait* = espera + o sufixo *hood*, como em *childhood* ou *adulthood*) que pode ser traduzido como idade de espera. *Waithood* representa um prolongado período de suspensão entre a infância e a idade adulta. As transições da juventude à idade adulta tornaram-se tão incertas que um número crescente de jovens, rapazes e raparigas, vê-se obrigado a improvisar formas de subsistência e relações inter-pessoais fora das estruturas económicas e familiares dominantes. A sua situação é particularmente difícil, mas também inspira muitos deles a engendrar soluções criativas. Nos últimos anos, o crescimento económico acelerado tem gerado grandes expectativas quanto à resolução dos graves desafios socioeconómicos que assolam o continente africano. Contudo, muitos jovens africanos não acreditam que o crescimento económico por si só, sem equidade e justiça social, possa trazer soluções para os seus problemas.

O segundo argumento sublinha a ideia segundo a qual os recentes movimentos de protesto, liderados principalmente por jovens, resultam directamente das pressões socioeconómicas que estes sofrem e também da sua marginalização política. E nos últimos anos, os jovens parecem estar a abandonar actos sociais e políticos individuais, muitas vezes dispersos e isolados, em favor de protestos colectivos na esfera pública.

E o terceiro argumento salienta que, apesar de alguns destes movimentos sociais terem levado à queda de regimes, as transformações sistémicas levam tempo a efectuar-se e exigem mais do que uma mera mudança na liderança. Os processos de transição e criação de uma nova ordem política e social confrontam-se com grandes desafios, como está a ser o caso no norte de África. Nestas circunstâncias, os jovens activistas encontram sérias dificuldades em traduzir as suas reivindicações socioeconómicas numa agenda política mais ampla. Claramente, os jovens parecem mais unidos na definição daquilo que não querem, do que na articulação colectiva dos objectivos a que aspiram. Deste modo, os jovens activistas deparam-se com o desafio de criar o espaço de participação que lhes permita jogar um papel construtivo na transição política e no processo de governação, para além dos mediáticos protestos de rua.

Esta análise baseia-se em pesquisas efectuadas em Moçambique, África do Sul, Senegal e Tunísia, entre 2008 e 2011, com jovens de vários extractos sociais e com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos. A partir dos depoimentos desses jovens, o artigo oferece uma apreciação compreensiva do surgimento de uma camada social crescente de jovens excluídos do mercado de trabalho formal que encontram sérias dificuldades em aceder à idade adulta. Com base nesta pesquisa publiquei dois livros: *O Tempo da Juventude: Emprego, Política e Mudanças Sociais em África* (2013, Maputo, Kapicua) ou *The Time of Youth: Work, Social Change and Politics in Africa* (2012, Kumarian Press, USA) e *Youth and Revolution in Tunisia* (2013, Zed Books, London).<sup>1</sup>

## WAITHOOD: A IDADE SUSPensa

Mais de 50% da população em África tem menos de 25 anos de idade, o que faz dos jovens africanos uma maioria marginalizada, em grande parte excluída dos processos socioeconómicos e políticos dominantes. O *liggey*, que significa trabalho em Wolof,

<sup>1</sup> A autora tem também publicados os seguintes livros: *Espíritos Vivos Tradições Modernas: Possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-Guerra no Sul de Moçambique* (2002), Maputo, Promédia; *Makers & Breakers: Children and Youth in Postcolonial Africa*, ed. (2005), Oxford, James Currey Publishers; *Child Soldiers in Africa* (2006), Philadelphia, Pennsylvania University Press.

a língua nacional do Senegal, é celebrado como um marco importante da transição para a vida adulta. A possibilidade de trabalho condigno e de providenciar, para si e os seus, define o amor próprio e a posição do indivíduo na família e na sociedade. No entanto, a maioria dos jovens no Senegal, e nos outros países africanos onde trabalhei, é incapaz de alcançar o sentido de dignidade incorporado na noção de *liggey*.

No sul de Moçambique, no passado, ser trabalhador emigrante na África do Sul, por exemplo, constituía um rito de passagem para a idade adulta. O trabalho nas minas sul-africanas permitia que os jovens moçambicanos se tornassem provedores das suas famílias, maridos e pais. As raparigas, por sua vez, podiam tornar-se esposas, mães e donas de casa. Hoje, no entanto, as sociedades africanas já não oferecem as rotas que tradicionalmente conduziam os jovens à vida adulta e também não conseguem providenciar novas trajetórias para o alcance da independência e autonomia que caracterizam uma cidadania produtiva.

O conceito de *waitthood*, ou idade de espera, codifica precisamente este prolongado período de suspensão em que o acesso dos jovens à vida social adulta é adiado ou negado. Ainda que possam ser considerados adultos do ponto de vista da sua idade cronológica, estes jovens continuam dependentes do ponto de vista social, pois ainda não alcançaram plenamente os requisitos que lhes permitem assumir as responsabilidades da vida de adulto, ou seja, ter emprego ou formas de sustento estável, ser independente, ter recursos para criar e providenciar para a sua família e ser capaz de contribuir para o bem social comum pagando impostos.

*Waitthood*, como conceito, foi inicialmente usado por Dianne Singerman (2007) no seu estudo sobre o casamento e a crise de desemprego jovem no Médio Oriente. *Waitthood*, de facto, capta de forma vívida este estágio intermédio em que os jovens vêem-se aprisionados num prolongado estado de “juventude” e com sérias dificuldades de aceder ao estatuto social de “adulto”. *Waitthood* também evidencia a realidade multifacetada da difícil transição que os jovens enfrentam, que vai para além de garantir um emprego e estende-se a vários aspectos da sua vida social e política.

Bongani, um jovem de 30 anos de Soweto, na África do Sul, nunca teve emprego seguro desde que acabou a *Matric* (diploma do ensino médio) há vários anos. Ele sobrevive graças a empregos temporários, principalmente reabastecendo prateleiras em lojas e supermercados. Ele não é casado, mas tem um filho e, sem um salário regular, Bongani não consegue sustentar o seu filho. O caso de Bongani é bastante comum um pouco por todo o continente. Em vários países da África ocidental, o termo *youthman* (jovem-homem) é comumente usado para descrever os jovens que se encontram

nesta idade suspensa (Abdullah, 1998; Momoh, 2000). De facto, estes jovens vivem numa zona de penumbra, nos interstícios entre a adolescência e a idade adulta. Por um lado já não são adolescentes e por outro ainda não são adultos independentes.

Deste modo, em vez de usar uma definição baseada em grupos etários, o artigo considera a juventude como uma categoria socialmente construída baseada em expectativas sociais e responsabilidades do indivíduo (Honwana & De Boeck, 2005). Aos 40 anos de idade, um indivíduo solteiro e desempregado ainda é considerado um *youthman*. Mas, em contraste, aos 10 anos de idade, crianças órfãs da SIDA, crianças-soldado e crianças envolvidas em trabalho infantil assumem papéis de adultos, mesmo que muitos deles vejam-se mais tarde aprisionados na *waitthood*.

Enquanto o uso do conceito de *waitthood* no estudo de Singerman (2007) sugere um sentido de passividade por parte dos jovens, a minha pesquisa indica que grande parte dos jovens em *waitthood* não está passivamente à espera de que a sua situação mude. Pelo contrário, estes jovens fazem um esforço enorme para descobrir, inventar e criar novas formas de ser e de interagir com a sociedade. De facto, esta idade de espera constitui um longo processo de negociação de identidade pessoal e independência financeira; e representa as contradições de uma modernidade em que as expectativas dos jovens são simultaneamente ampliadas pelo acesso às novas tecnologias de informação e comunicação que os ligam ao mundo e à cultura global, e estrangidas pelas limitadas perspectivas e oportunidades nas sociedades em que vivem.

A gravidade do impacto de *waitthood* na vida dos jovens depende do carácter, temperamento, capacidades e competências de cada indivíduo. Mas esse impacto deriva também, em grande medida, do seu extracto social, do nível de educação e do acesso a recursos económicos e conexões políticas. Os jovens de classe média, com acesso a recursos e bem relacionados, têm uma trajectória mais suave para a vida adulta. Mas a experiência de *waitthood* também varia com o género. Geralmente, os rapazes enfrentam pressões fortes para obter um emprego estável, arranjar casa, pagar as despesas do casamento e sustentar a família. Embora as raparigas tenham agora um acesso cada vez maior à educação e combinem as tarefas domésticas tradicionais com uma participação crescente no mercado de trabalho, o casamento e a maternidade continuam a ser marcos importantes da vida adulta feminina. Mesmo se dar à luz pode fornecer as raparigas uma entrada na idade adulta, a sua capacidade de alcançar o estatuto de adulto depende, muitas vezes, da saída dos rapazes desta fase de espera (Calvès *et al.*, 2007).

## SOBREVIVENDO A WAITHOOD

Os jovens são especialmente vulneráveis às condições estruturais que geram pobreza e limitam a mobilidade socioeconómica. O declínio das oportunidades nas zonas rurais leva muitos jovens, homens e mulheres, a migrar para as cidades, onde têm poucas oportunidades de encontrar emprego e formas de subsistência estáveis. Embora um número crescente de jovens tenha acesso a educação formal e consiga completar o ensino secundário e universitário, o desajustamento entre os sistemas educacionais e os mercados de trabalho deixa muitos jovens desempregados ou sub-empregados. Muitos acabam sendo empurrados para uma economia informal saturada ou tornam-se trabalhadores informais em sectores formais da economia (Chen, 2006).

Os jovens africanos desenvolveram os seus próprios termos para transmitir a natureza extemporânea e precária de suas vidas. Os jovens moçambicanos usaram a expressão “desenrascar a vida”; os jovens senegaleses e tunisinos empregaram o termo francês *débrouillage* ou *se débrouiller*, e os jovens sul-africanos utilizaram a expressão inglesa *I am just getting by*, ou seja, vou-me safando. A ideia de “desenrascar” uma vida ou *débrouillage* situa a experiência de *waithood* no contexto da improvisação e implica um esforço diário de avaliar desafios e possibilidades e conceber cenários propícios para alcançar objectivos específicos (Vigh, 2009). Estes jovens operam como aquilo que Lévi-Strauss (1962, 1966) chamou *bricoleur*, um “faz-tudo”, que manipula situações e tira proveito das circunstâncias, sempre que possível, para tentar safar-se e atingir os seus fins. De facto, as acções destes jovens são predominantemente táticas e não estratégicas (de Certeau, 1984), uma vez que representam lutas diárias que respondem a necessidades imediatas, ao invés de estratégias de longo prazo (Honwana, 2006).

Estas têm sido as experiências de vida quotidiana de vários jovens que encontrei nestes quatro países; rapazes e raparigas que se dedicam à venda de produtos na rua, ao comércio e tráfico transfronteiriço; os que tentam emigrar ilegalmente para a Europa em pequenas pirogas; e os que acabam em gangs e redes criminosas. Esta é também a realidade dos jovens e das jovens que se envolvem em relações íntimas com homens e mulheres mais velhos com recursos – conhecidos como patrocinadores, ou *sugardaddies* e *sugarmamas* – para ter dinheiro, para pagar propinas ou mesmo para favores especiais e acesso a artigos de luxo e da moda (Groes-Green, 2011; Hunter, 2010). Estes novos tipos de relacionamento íntimo tem estado a substituir padrões existentes de intimidade e a gerar novas

formas de encarar e compreender noções de masculinidade e feminilidade entre os jovens (Honwana, 2012).

Mas, mesmo no contexto dos desafios de *waitthood*, alguns jovens conseguem tornar-se empresários bem-sucedidos dedicando-se à reparação de aparelhos electrónicos, à compra e venda de artigos de moda (vestuário, jóias, mechas e artigos de beleza.). Outros dedicam-se à criação de novas formas artísticas no domínio da música, teatro e pintura e escrevem blogs tornando-se usuários experientes da Internet.

Neste sentido, os jovens em *waitthood* desenvolvem os seus próprios espaços de acção. Eles criam novas formas e esquemas de vida à margem das estruturas dominantes, a partir das quais tentam subverter a autoridade e o aparato legal criado pelo Estado. Estes espaços jovens estimulam a criatividade, como diz Henrietta Moore (2011), criam possibilidades de *self-styling* (auto-estilização), ou seja, “uma busca obstinada por um estilo de existência e uma maneira de ser [próprios]” (ibid.). O processo de *self-styling* é facilitado pelo uso que os jovens fazem das redes sociais cibernéticas como o YouTube, o Facebook, o Twitter e o Instagram.

Na década de 1970, pesquisadores britânicos da escola de estudos culturais de Birmingham (Cohen, 1972; Hall & Jefferson, 1976 e outros) examinaram os espaços criados pelos jovens à margem do sistema, que chamaram *youth subcultures* (sub-culturas juvenis). Eles argumentaram que as sub-culturas juvenis constituíam espaços de resistência contra-hegemónica, baseada nas experiências de subordinação e de marginalização desses jovens. Não há dúvidas de que as teorias sobre sub-culturas juvenis continuam a ser relevantes hoje para a compreensão das práticas e experiências de jovens em *waitthood*. No entanto, em vez de gerar grupos sociais facilmente identificáveis e relativamente estáveis,<sup>2</sup> estes novos *youthscapes* (Maira & Soep, 2005), ou espaços de escape juvenis, assemelham-se ao conceito de *urban tribes* (tribos urbanas) introduzido por Michel Maffesoli (1996), entendido como grupos que compartilham interesses comuns, mas cuja associação é em grande parte informal e marcada por grande “fluidez, encontros ocasionais e dispersão” (p. 98).

De facto, a *waitthood* situa-se num espaço intersticial, onde a fronteira entre o lícito e o ilícito, o correcto e o incorrecto é muitas vezes ténue. E é precisamente nesta conjuntura social e política que os jovens são forçados a fazer escolhas; e as decisões que tomam tornam-se determinantes na definição da sua relação

---

<sup>2</sup> Como eram na época as sub-culturas jovens dos “Mods”, dos “Rockers” e os “Skinheads”.

com o trabalho, a família e a intimidade, bem como do tipo de cidadãos que se tornarão no futuro. Ao invés de ser uma curta interrupção da sua transição para a idade adulta, para muitos jovens, a *waithood* está gradualmente a substituir a idade adulta convencional.

Muitos jovens vêem a *waithood* como decorrente de políticas nacionais e globais que não conseguiram reduzir a pobreza e promover uma redistribuição equitativa do crescimento económico. De acordo com vários analistas, os programas de ajustamento estrutural enfraqueceram consideravelmente a capacidade dos Estados africanos de determinar as prioridades e políticas nacionais e implementar o contrato social com os seus cidadãos (Rogerson, 1997; Manji, 1998; Potts, 2000). Os desafios internos como a ausência de boa governação, a corrupção e a ausência de liberdades individuais exacerbaram o problema. As taxas de crescimento acelerado no continente nos últimos anos podem oferecer alguma esperança. No entanto, sem equidade, o crescimento económico por si só não garante a inclusão social e uma vida melhor para a maioria da população. Na verdade, os jovens rebelam-se contra o crescente fosso entre os ricos e os pobres e contra a corrupção desenfreada que eles observam enquanto as elites se enriquecem e eles enfrentam dificuldades cada vez maiores.

## WAITHOOD E PROTESTOS SOCIAIS

Hoje os jovens africanos são geralmente melhor educados e estão melhor conectados com o mundo global do que a geração dos seus pais. Os jovens que entrevistei não constituem uma “geração perdida”, nem estão apáticos aos desafios que as suas sociedades enfrentam. Estão conscientes da sua posição estrutural marginal e não confiam na vontade e capacidade do Estado em encontrar soluções para os seus problemas. E nesta marginalização compartilhada, alguns jovens desenvolvem um sentido de identidade comum e de uma consciência crítica que os leva, por vezes, a desafiar a ordem política e social estabelecida (Honwana, 2012, 2013).

Como outros grupos sociais, a juventude esteve sempre envolvida em processos de transformação social através de acções de intervenção individuais e colectivas na vida quotidiana. Asef Bayat (2010) considera estas acções diárias dispersas e desprezíveis que se agregam ao activismo político como *non-movements* (não-movimentos) por serem levadas a cabo “fora dos canais institucionais formais” (p. 5). Com efeito, jovens de ambos os sexos engajam-se em associações da sociedade

civil, no espaço da cultura, do desporto, em debates nas redes sociais cibernéticas e noutros tipos de manifestações sociopolíticas. Se prestarmos atenção cuidadosa às letras das suas canções, aos versos dos seus poemas, aos roteiros das suas peças, e às ideias que os jovens propagam através das suas páginas no facebook, blogues, tweets e sms, poderemos encontrar um forte engajamento e compromisso desta geração com as sociedades e grupos em que estão inseridos.

É de referir que grande parte da literatura académica sobre África tem prestado pouca atenção aos debates e teorias mais gerais sobre movimentos sociais, entendidos como grupos colectivos “agindo com algum grau de organização e continuidade” fora dos canais institucionais para desafiar ou defender a autoridade existente (Snow *et al.*, 2007, p. 11). Uma das razões para tal pode ser o facto de vários analistas considerarem que as formas de protesto político não-violento em África não se conformam com os padrões ocidentais dominantes que inspiraram as teorias existentes sobre movimentos sociais (Wignaraja, 1993; Thompson & Tapscott, 2010; Bayat, 2010). No meu entender, esta abordagem é questionável e acredito que as ciências sociais em África devem prestar maior atenção aos silêncios das lutas diárias dos jovens fora dos canais políticos formais.

Contudo, nos últimos anos, os jovens passaram desta penetração subtil do espaço público e impuseram-se de uma forma clara e mais aberta na cena política nacional, questionando o seu estatuto de *waithood* e exigindo um futuro melhor. Em vários países, os jovens saíram à rua, confrontaram a polícia e em alguns casos forçaram governos a reverter decisões controversas, como foi o caso nas manifestações em Maputo, em Fevereiro 2008 e Setembro 2010 contra o aumento dos preços de produtos de primeira necessidade; também impediram a reeleição de candidatos impopulares, como foi o caso dos jovens senegaleses do movimento *Y'en a Marre!* (Basta!) que desencadearam uma campanha eleitoral de sucesso contra a reeleição do Presidente Abdoulaye Wade em Fevereiro de 2012; e até chegaram a derrubar ditaduras políticas estabelecidas, como aconteceu na Tunísia onde jovens de diversos estratos sociais saíram à rua e mobilizaram o povo tunisino para derrubar o regime do Presidente Ben Ali em Janeiro de 2011. No entanto, apesar de seus protestos de sucesso, os jovens moçambicanos não viram mudanças fundamentais nas suas condições socioeconómicas; os jovens senegaleses mostram-se decepcionados com o novo governo de Macky Sall; e os jovens tunisinos permanecem profundamente insatisfeitos com a direcção e o ritmo lento de mudança.

Nos últimos três anos, além de eventos conhecidos no Egito e na Líbia, os jovens tomaram as ruas em protestos contra o governo no Sudão e em Angola, em Burkina Faso, Malawi, Nigéria, entre outros países do continente africano. O Oriente Médio, o Irão, o Bahrein, o Iémen, a Síria e a Turquia também tiveram jovens protestando nas ruas.

Mas a *waitthood* não é apenas um problema africano, e os protestos de jovens tornaram-se um fenómeno global. Em Portugal, em Março de 2011, a chamada “geração à rasca” saiu à rua para denunciar as altas taxas de desemprego e o elevado custo de vida. Desde Maio de 2011 o movimento *los indignados* em Espanha tem protestado contra as crescentes desigualdades socioeconómicas e a falta de perspectivas para a juventude. No Reino Unido, em Agosto de 2011, jovens de bairros mais pobres (e não apenas das comunidades de imigrantes) desencadearam motins violentos, queimaram e saquearam lojas de luxo, apoderando-se dos símbolos de uma cultura de consumo da qual se sentem excluídos. Em Santiago do Chile, os estudantes saíram à rua para exigir uma melhor educação pública de baixo custo. E nos Estados Unidos, o movimento *Occupy Wall Street* reuniu milhares de jovens americanos para protestar contra a ganância corporativa e a influência das multinacionais sobre o governo.

## WAITHOOD E MUDANÇAS SOCIAIS

Karl Mannheim (1952) afirma que as gerações mais novas são capazes de imaginar a sociedade de uma forma inovadora precisamente porque possuem aquilo que chama *fresh contact* (contacto fresco), ou seja, um olhar renovado e reformador que surge à medida que estes assimilam, desenvolvem e alteram o repositório social, cultural e político das gerações anteriores.

Muitos jovens activistas que entrevistei são críticos em relação às acções dos partidos políticos e recusam-se a ser manipulados por líderes políticos que eles consideram ser corruptos e apenas preocupados com o seu bem-estar pessoal. Grande parte dos jovens rejeita a transformação dos seus movimentos de protesto em forças políticas partidárias. Na Tunísia, por exemplo, jovens activistas, rapazes e raparigas, continuam a exercer o seu poder de veto nas ruas e muitos recusam-se a participar nas manobras políticas que tem preocupado o governo de transição e os partidos da oposição durante a transição (Honwana, 2013). Da mesma forma, os activistas do movimento *Y'en a Marre* no Senegal recusaram ser parte do elenco governamental

do novo Presidente Macky Sall ou a formar o seu próprio partido político. Até mesmo os jovens que são membros de partidos políticos, muitas vezes, queixam-se que as suas vozes são ignoradas.

Mas, ao mesmo tempo, os jovens activistas percebem e debatem-se com as dificuldades que encontram em transformar os seus movimentos em presenças políticas mais permanentes que possam contribuir para uma mudança significativa da ordem política existente (Honwana, 2013). Após os protestos de rua, com a queda dos antigos regimes, o entusiasmo e a energia da rua dissipam-se gradualmente e os movimentos juvenis tornam-se vulneráveis e aparecem mais divididos; a unidade forjada durante a fase de protesto enfraquece enquanto os jovens procuram articular um novo discurso e definir novos objectivos políticos por si próprios. Por outro lado, o carácter horizontal e não hierárquico destes movimentos de protesto dificulta o surgimento orgânico de lideranças políticas que permitam a tomada do poder formal. Enquanto isso, o *vacuum* político existente é ocupado pelas forças políticas “tradicionalistas” que, de certa maneira, bloqueiam a participação da juventude e o acolhimento de ideias transformadoras. De tal modo que, na sequência dos movimentos de protesto, os jovens activistas parecem recuar para a periferia da política formal, revertendo aos seus “não-movimentos” (Bayat, 2011).

O filósofo britânico Simon Critchley (2012) sugere que a desconexão entre a juventude e a cultura política actual deriva da dissociação entre a política e o poder. “O poder é a capacidade de fazer as coisas”, e a “política é o meio que permite fazer as coisas” e a democracia é o sistema que permite que o poder seja exercido pelo povo. Hoje assiste-se globalmente a um divórcio entre o poder e a política, porque o poder tem sido capturado por corporações financeiras supranacionais e por sindicatos transnacionais de crime organizado. Assim, a política fica desprovida de poder, mas serve o poder. Critchley (2012) lembra-nos que esta separação entre política e poder não acontece por acaso, mas resulta da convivência dos políticos que abraçaram o capitalismo de livre mercado como o motor para o crescimento e seu enriquecimento pessoal. Na mesma onda, Aditya Nigam (2012) sugere que, na sequência das revoluções do norte de África, essas sociedades “estão a viver [uma fase] de interregno em que formas antigas de fazer política se tornaram obsoletas e moribundas, mas novas formas ainda estão por emergir... Alguma coisa, claramente, está à espera de ser articulada nesta recusa implacável do político” pela geração mais jovem (p. 175).

Os jovens já estão desenvolvendo formas alternativas para a intervenção social e política, fora de partidos políticos e em organizações da sociedade civil. Eles estabelecem e envolvem-se em associações que desenvolvem acções políticas sem necessidade de filiação partidária. Lutam pela liberdade de expressão nos mundos reais e virtuais; lideram campanhas públicas contra a corrupção e pela boa governação, pelos direitos da mulher, protecção do meio ambiente, entre outros assuntos.

Na Tunísia, jovens activistas desfrutam hoje da liberdade de engajamento cívico e político independente, após a revolução, o que lhes era proibido durante o antigo regime. Mas, ao mesmo tempo, a decepção com a transição política e as lutas entre partidos políticos leva alguns jovens a recorrer a formas politizadas do Islão para responder aos seus anseios. Por exemplo, o famoso cantor de rap da revolução, El General, é hoje um grande defensor para a instauração da *Sharia*. A letra da sua canção mais recente, intitulada “Desejo”, apela para que a Tunísia se torne um Estado islâmico. Na verdade, jovens islâmicos que se uniram a grupos radicais Salafistas<sup>3</sup> acreditam que a *Sharia* trará a solução para os seus problemas, porque consideram que a “Sharia não é política, mas um estilo de vida, com suas leis e sua ciência”.

No Senegal, os activistas do movimento *Y'en a Marre* orgulham-se de ser apártidários e estão determinados a continuar a trabalhar para tornar os líderes políticos responsáveis perante aqueles que os elegeram. Após os protestos, o movimento concentrou os seus esforços numa campanha nacional pública para criar um “novo tipo de Senegalês” que seja politicamente consciente e que assuma as suas responsabilidades como cidadão na luta pelo bem-estar do povo senegalês.

Assim, o grande desafio para esta geração será como encontrar formas construtivas e eficazes de contribuir para a mudança e para o desenvolvimento económico, social e político das suas sociedades? Como transformar o dinamismo e a energia dos protestos de rua em presenças políticas e sociais activas que contribuam para uma sociedade mais equitativa e justa que garanta um futuro melhor para os seus filhos? Mais ainda, como é que esta geração pensa e imagina uma nova arena política e social? Curiosamente, os meus jovens interlocutores nestes países acreditam que a sua geração será capaz de efectuar transformações políticas e sociais significativas, embora eles próprios ainda não sejam capazes de articular como fazê-lo. Na

---

<sup>3</sup> O Salafismo constitui uma forma de extremismo islâmico que propõe uma interpretação conservadora do Islão, fazendo da Sharia a lei que dirige a vida política e social do Estado e dos cidadãos.

sua opinião, as transições e mudanças sociais não são lineares; levam tempo e apresentam avanços e recuos ao longo do processo. E não há dúvidas de que a geração *waihood* se engaja, de forma cada vez mais activa, na busca de soluções para os desafios que enfrenta.

## REFERÊNCIAS

- Abdullah, I. (1998) “Bush path to destruction: The origin and character of the Revolutionary United Front/Sierra Leone”. *Journal of Modern Africa Studies* 36(2), 203-34.
- Bayat, A. (2010) *Life as Politics: How ordinary people change the Middle East*. Stanford, CA, Stanford University Press.
- Calvès, A.-E., Kobiane, J.-F. & Martel, E. (2007) “Changing transitions to adulthood in urban Burkina Faso”. *Journal of Comparative Family Studies* 38(2), 265-83.
- Chen, M. (2006) “Rethinking the informal economy: Linkages with the formal economy and the formal regulatory environment”. In: B. Guha-Khasnobis, R. Kanbur & E. Ostrom (eds.) *Linking the formal and informal economy: Concepts and policies*, Oxford, Oxford University Press. pp. 75-92.
- Cohen, S. (1972) *Folk devils and moral panics: The creation of the Mods and Rockers*. London, MacGibbon and Kee.
- Critchley, S. (2012) “Occupy and the Arab spring will continue to revitalize political protest”. *Guardian*, 22 March. Disponível em: [www.guardian.co.uk/commentis-free/2012/mar/22/occupy-arab-spring-political-protest](http://www.guardian.co.uk/commentis-free/2012/mar/22/occupy-arab-spring-political-protest) [Acedido a: 25 de Fevereiro de 2013].
- De Certeau, M. (1984) *The practice of everyday life*, trans. Steven Rendall. Berkeley, University of California Press.
- Fanon, F. (1961/1963) *The Wretched of the Earth (Les Damnés de la Terre)*. Paris, Presence Africaine.
- Groes-Green, C. (2011) “The bling scandal: Transforming young femininities in Mozambique”. *Young: Nordic Journal of Youth Research* 19(3), 291-312.
- Hall, S. & Jefferson, T. (eds.) (1976) *Resistance through rituals*. London, Hutchinson.
- Honwana, A. (2006) *Child soldiers in Africa*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- (2012) *The Time of Youth: Work, social change and politics in Africa*. Sterling, VA, Kumarian Press.

- (2013) *Youth and Revolution in Tunisia*. London, Zed Books.
- Honwana, A. & De Boeck, F. (eds.) (2005) *Makers and breakers: Children and youth in postcolonial Africa*. Oxford, James Currey.
- Hunrter, M. (2010) *Love in the time of AIDS: Inequality, gender, and rights in South Africa*. Bloomington, Indiana University Press.
- Lévi-Strauss, C. (1966) *The Savage Mind (La Pensée Sauvage 1962)*. Chicago, University of Chicago Press.
- Maffesoli, M. (1996) *The time of the tribe: The decline of individualism in mass society*. Translated by Don French. London, Sage Publications.
- Maira, S. & Soep, E. (eds.) (2005) *Youthscapes: The popular, the national, the global*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Manji, F. (1998) "The depoliticization of poverty". In: D. Eade (ed) *Development and rights*. Oxford, Oxfam. pp. 12-33.
- Mannheim, K. (1952/1927) "The problem of generations". In: P. Kecskemeti (ed) *Essays on the sociology of knowledge*. London, Routledge.
- Momoh, A. (2000) "Youth culture and area boys in Lagos". In: A. Jega (ed) *Identity Transformation and Identity Politics under Structural Adjustment in Nigeria*. Stockholm, Nordic Africa Institute. pp. 181-203.
- Moore, H. (2011) *Still Life: Hopes, Desires and Satisfaction*. Cambridge, Polity Press.
- Nigam, A. (2012) "The Arab upsurge and the "viral" revolutions of our times". *Interface* 4 (1), 165-77.
- Potts, D. (2000) "Urban unemployment and migrants in Africa: Evidence from Harare, 1985-1994". *Development and Change* 31, 879-910.
- Rogerson, C. (1997) "Globalization or informalization? African urban economies in the 1990s". In: C. Rakodi (ed) *The urban challenge in Africa: Growth and management of its large cities*. Tokyo, United Nations University Press. pp. 337-70.
- Singerman, D. (2007) The economic imperatives of marriage: Emerging practices and identities among youth in the Middle East. *Working Paper* n.º 6. Washington DC., Wolfensohn Centre for Development and Dubai School of Government.
- Snow, D., Soule, S. & Kriesi, H. (2007) "Introduction". In: D. Snow, S. Soule & H. Kriesi (ed) *The Blackwell Companion to Social Movements*. Oxford, Blackwell Publishing. pp. 1-16.

- Thompson, L. & Tapscott, C. (2010) "Introduction: mobilization and social movements in the south – the challenges of inclusive governance". In: l.Thompson & c.Tapscott (eds.) *Citizenship and Social Movements: Perspectives from the global south*. London, Zed Books. pp. 1-34.
- Wignaraja, P. (ed) (1993) *New Social Movements in the South: Empowering the people*. New Delhi, Vistaar Publications.
- Vigh, H. (2009) "Youth mobilization as social navigation: Reflections on the concept of *dubriagem*". *Cadernos de Estudos Africanos* 18/19, 140-64. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE).